



## **Aprendendo com mutirão: minha jornada como monitor de agroecologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

*Learning from collective action: my journey as an agroecology monitor at the Federal Rural University of Rio de Janeiro*

OLIVEIRA, Calebe P.<sup>1</sup>; LIMA, Jarlane de S.<sup>2</sup>; PARAJARA, Tarci G.<sup>3</sup>; SANTOS, Ramofly B.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> UFRRJ, caleb.olivee@gmail.com; <sup>2</sup> UFRRJ, lima.jarlane7@gmail.com; <sup>3</sup>UFRRJ, tarcigomesparajara@gmail.com; <sup>4</sup> UFRRJ, ramofly@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Educação em Agroecologia**

**Resumo:** O presente trabalho destaca as experiências vividas, enquanto aluno oriundo da realidade de uma família caiçara que assume a monitoria de Agroecologia básica I do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. As rodas de conversa e as vivências realizadas no sistema agroflorestal são discutidas conjuntamente com os estudantes de diferentes origens do campo, como quilombolas, indígenas, caiçaras, agricultores familiares e população periférica da baixada fluminense sobre suas perspectivas em relação à instituição e ao curso. O apoio mútuo é estimulado pelos métodos pedagógicos nas aulas de campo, especialmente por meio dos mutirões, evidenciando a necessidade de experimentar as relações harmônicas e troca de experiências nesse processo, o que também fortalece os laços sociais e a construção de redes de apoio. Ao compartilhar suas experiências, caiçaras, quilombolas, indígenas, agricultores e periféricos constroem novas possibilidades de uso do conhecimento popular com seus grupos de origem e projetam uma educação do campo que dialoga com a agroecologia, estabelecem conexões e criam um senso de comunidade, o que é essencial para superar obstáculos e alcançar objetivos comuns indo além das teorias. Essa colaboração e solidariedade entre os envolvidos promove a criação de um ambiente de aprendizado mais rico e colaborativo.

**Palavras-chave:** educação do campo; mutirão; troca de saberes.

#### **Contexto**

O presente relato de experiência técnica tem um recorte educacional desenvolvido na geopolítica da Baixada Fluminense, uma região marginalizada e periférica em que vigora um processo histórico de abandono pelo Estado, onde a violência se constitui o padrão dominante, porém não deixa de ter sua essência e sua diversidade cultural. O município de Seropédica do Estado do Rio de Janeiro, possui sua experiência de dinâmica sociocultural por receber milhares de universitários, ao mesmo tempo em que permanece com suas limitações considerando a questão social e ambiental, um contraste na fronteira entre Universidade e Sociedade. A população sofre com a ausência de políticas básicas e de mobilidade espacial, e nessa lógica reproduzem seus percursos e vivências e se tornam reféns dessa dinâmica, perpetuando o status quo.



A monitoria na disciplina de graduação desempenha um papel crucial na vida acadêmica do discente, ainda mais se este vem de comunidade geralmente excluída da universidade brasileira, para além das diversas atuações de ter um contato maior com processos didático-pedagógicos, docentes e discentes. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo pressupõe uma oportunidade ímpar para cada estudante oriundo de comunidades tradicionais desenvolver projetos para além de uma experiência de educação formal do que é uma sala de aula.

A monitoria de Agroecologia oportunizou diversas conceituações sobre o espaço, o saber, onde acontece a troca de saberes, gerou a concepção do espaço informal de sala de aula e como monitores vão atuar nesses espaços de campo de implantação de uma agrofloresta, onde os conhecimentos populares podem ser valorizados e trocados na dinâmica própria da sala de aula, estimulados por seus professores e por seus auxiliares, os monitores. Por ser a disciplina ministrada em espaços formais de sala de aula e em espaços de campo o manejo agroecológico a faz atingir conhecimentos interdisciplinares e transdisciplinares, passeando pelas ciências sociais quando são valorizados os relatos das experiências próprias, ou de suas famílias, as ciências da natureza ao trazer os conteúdos disciplinares na prática de campo e até das ciências agrárias quando as técnicas convencionais são confrontadas com suas consequências sociais, econômicas e ecológicas e as alternativas que têm origem em pesquisas e relatos dos agricultores e camponeses tradicionais.

É importante salientar que o projeto do Sistema Agroflorestal do curso de graduação de licenciatura em Educação do Campo (SAF-LEC) é constituído por várias pessoas que ao decorrer de toda sua história e semestres letivos foram elaborando diversas atividades com outros monitores e estudantes que ocuparam e que contribuíram para a resistência nesse e desse espaço.

A Agroecologia e a Educação do Campo se interligam e estabelecem uma luta comum no reconhecimento do campo e seus sujeitos: trabalhadores, mulheres, jovens, enfim, as diversidades para amenizar os diversos impactos do processo histórico de exploração e o processo desenvolvimentista capitalista instaurado na América Latina há mais de 50 anos. Para SOUZA (2017. p.645) o pensar as práticas pedagógicas socioecológicas em Educação do Campo com ênfase em Agroecologia constituiu consigo um amparado de se contrapor ao sistema hegemônico de dominação e repensar a forma epistemológica da ciência dominante.

### **Descrição da Experiência**

As atividades desenvolvidas através do programa de monitoria de Agroecologia Básica I na Graduação de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), tinha como premissa a organização de mutirões de limpeza, de plantio, de manejo e condução dos diferentes projetos e atividades já implantadas e/ou em implantação, execução de



atividades práticas e auxílio aos discentes das disciplinas nas elaborações de atividades referentes a projetos desenvolvidos pelos docentes da área de pesquisa de Agroecologia da LEC.

As rodas de conversa foram parte dessas vivências, foram compostas por estudantes tanto do curso de Licenciatura em Educação do Campo, como de outras graduações que se inscreviam em tais disciplinas.

Foi adotada uma rede social para divulgação e promoção das ações que ocorriam dentro do Sistema Agroflorestal da Licenciatura em Educação do Campo (SAF-LEC), com intuito de esclarecer projetos em execução e atividades que estavam sendo realizadas. Até mesmo consolidar relações e estar a par das discussões e projetos elaborados fora da Universidade.

O isolamento durante a pandemia gerou a dedicação para o estudo da diversidade que a agroecologia abrange, desde as técnicas de manuseio para as questões transversais do aspecto social que ela se interliga; com o retorno ao presencial buscou-se de imediato uma maior participação com as disciplinas e com o espaço do sistema agroflorestal do curso de licenciatura em Educação do Campo. Foi realizado com um grupo de estudantes um mutirão de restauração do SAF-LEC, após a pandemia. O que marcou a reaproximação e troca interpessoal dos alunos e professores da LEC. Foi um momento de muita aprendizagem, não só didático-pedagógica e curricular, mas também sobre o aspecto psicoemocional, trazendo as experiências no período pandêmico dentro das diferentes comunidades do Curso.

O mutirão para os movimentos sociais carrega uma importância muito grande para o coletivo, pois ele é fomentador das ações sociais e da cooperação coletiva; inseridos no meio dessas ações, consegue-se trabalhar a afetividade coletiva e as diversas trocas de saberes e experiência para um bem comum; e a construção coletiva do espaço agroecológico.

O campo da Educação permeia para além do espaço rudimentar da sala de aula, múltiplas formas de aprendizado Inter e transdisciplinares e não devemos separá-las do meio social e político.

Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. (LIBÂNEO. 2001. p. 6.)

Para tanto, os desafios que transpõem o espaço estão no reconhecimento da institucionalização e nos recursos para o seu desenvolvimento. Materializando os saberes dos alunos que carregam consigo uma vasta carga de conhecimentos vivenciados e experiências de seus territórios ancestrais. Confirmando o que Freire



P. (1989) propõe: antes da leitura escrita, precisamos da leitura do mundo. Ou seja, entender a realidade à nossa volta para tentar modificá-la e amadurecer com ela.

Foram desenvolvidos trabalhos árduos, pois depois do abandono em decorrência da pandemia, o capim colônia (*Panicum maximum*) tinha se alastrado em todo o território. A casa de ferramenta popularmente chamada de “Barracão” estava muito deteriorada nas condições de seu entorno e internamente. Como uma ação coletiva que contou com o engajamento dos estudantes e professores foi possível realizar uma breve restauração e avançar para outras áreas e iniciar o plantio arbóreo.

Figura 1- Mutirão de Plantio



Fonte: Acervo pessoal

A vivência do mutirão permite um contato com a diversidade dos saberes e povos, seja na elaboração de um plano de execução a uma troca sincera e majestosa de experiência cultural; como, por exemplo, a troca de saberes de uma comunidade cigana ou sobre origens ancestrais de um processo histórico da comunidade japonesa no Brasil. Há estudantes que chegam na universidade com suas bagagens de conhecimentos e experiências, como por exemplo, uma agricultora de Mimoso do Sul/ES que carrega consigo uma vasta experiência sobre manejos da cultura do café e todo o seu processo artesanal, do cultivo ao preparo, dos desafios para o plantio e manejo, cuja experiência prática serviu para que outros entendessem a realidade do campo e da agricultura familiar. Constituem com esse espaço uma intrínseca relação de empatia e experiência de vida, entre os alunos e suas diferentes regionalidades; que nos aprimoram como ser e nos ensinam cada vez mais sobre a diversidade social e de comunidades e suas origens inseridos em nosso país.



## Resultados

Diante do exposto, todo empenho gerado nesse espaço está para além da média em disciplina ou o cumprimento da matriz curricular do curso, está interliga-se entre laços e partilhamentos. A monitoria em agroecologia básica me trouxe uma perspectiva e abrangência das diversas possibilidades das relações que constituem o curso de Educação do Campo e suas práticas agroecológicas, tanto dos saberes ancestrais, como as técnicas e alternativas nos cotidianos dos agricultores e de toda a comunidade discente que ocupam esse espaço.

Dentre os principais desafios visualizados durante esse processo, está o não investimento e recursos para implementação de práticas agroecológicas, tanto pela instituição de ensino que abarca o curso, como ao processo de políticas públicas governamentais que priorizem essa metodologia de ensino; para que os diversos projetos cheguem e alcancem cada vez mais comunidade/povos tradicionais e toda a população que constitui o campo brasileiro. Desta forma, as atividades em campo/extensão para que se consolidem e consigam dar visibilidade e trazer mais agentes de transformação tanto para dentro da universidade quanto para os projetos extensionistas precisam ser intercambiadas entre os sujeitos do campo e nas instituições educacionais/escolares.

Os conhecimentos ancestrais das comunidades tradicionais e dos pequenos agricultores tornam-se práticas efetivas para o enfrentamento dos desafios que o sistema econômico e produtivo vem causando em diversos setores da sociedade, principalmente na universidade, gerando impacto positivo no social e no ambiental.

Durante minha experiência como monitor de agroecologia do curso de licenciatura em Educação do Campo, pude vivenciar e compreender diversas realidades que me atravessaram: a relação que obtive com os demais estudantes...na organização dos mutirões, com suas discussões sobre a trajetória e a experiência com a Agroecologia, marcaram-me significativamente, pois nela continham múltiplas vivências, sabedorias ancestrais, adquiridas e de resistência e luta. Segundo FREIRE (1992) “Esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro jeito.” Desta forma concluo, que minha vivência inserida nos mutirões do SAF-LEC, foram o que me ensinaram na prática sobre agroecologia e coletividade.

## Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam.** São Paulo. 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Curitiba. 2001. Disponível em < [http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_17/libaneo.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libaneo.pdf)>. Acessado em: 16/07/2023.

SOUZA, Romier. **AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO NO BRASIL.** Campinas. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/NVYdW7qx7dNfFNC9fS9FQKK/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: 16/07/2023.